

# Sob a máscara da (in)sensatez: loucura e poder em contos machadianos

**Fabiana Ferreira Santos Miranda**

Mestranda em Teoria Literária pela Universidade Federal de Uberlândia.

**Resumo:** O presente artigo se propõe a uma reflexão acerca do tratamento dado ao tema *loucura* em contos machadianos, explicitando sob a percepção do autor, a utilização de máscaras sociais, ora de sensatez, ora de insensatez, e suas respectivas implicações. Desse modo, espera-se a partir das análises de “O alienista” (1881), pertencente à obra *Papéis avulsos* (1882); “O lapso” (1883) e “A segunda vida” (1884) de *Histórias sem data* (1884); e “Entre santos” (1896), da coletânea *Várias histórias* (1896), compreender as relações estabelecidas nos textos entre representações da loucura e diferentes relações de poder.

Passando do real à ficção, as artes, em seus diversos segmentos, retratam com coerência a experiência do insensato<sup>1</sup> ao longo da história, que assume diferentes feições, de acordo com a cultura e período em que se encontra inserida. Como tema ou personagem, a desrazão surge em textos por meio de imagens ou alegorias que possibilitam uma compreensão da racionalidade em diferentes épocas, já que cada visão da loucura está embasada em um sistema de valores que define a “anormalidade”. Assim, considera-se que de um modo geral, essas manifestações artísticas também oferecem um rico contraponto às verdades científicas acerca da loucura, permitindo relativizá-las, abandoná-las ou superá-las. Por isso, entende-se, neste estudo, a Literatura como espaço que oferece excelente possibilidade de estabelecer um olhar distanciado e crítico sobre as breves certezas da ciência e dos saberes em vários momentos e espaços históricos.

Nesse sentido, a obra de Machado de Assis (1839-1908) fornece interessante material de análise, uma vez que se destaca frente a outras publicações do Brasil do século XIX por abordar questões psicológicas. Se em outros textos literários a psicologia não passava de reverberações de teorias européias, na literatura machadiana encontram-se subjacentes ao texto, concepções sobre a conduta e o funcionamento psíquico que antecipam idéias freudianas e mesmo fenomenológicas, embora seu valor psicológico não consista apenas em antecipá-las, mas também em representar, com riqueza de detalhes, o ser humano em sua relação dinâmica com o mundo. De fato, muitos estudos têm revelado a profundidade psicológica da obra do autor, bem como o intenso diálogo

---

<sup>1</sup> A palavra *insensato* será utilizada como sinônimo de *louco*, uma vez que, conforme os estudos que se apresentam como suporte teórico da pesquisa, por longo tempo a loucura não se associa à doença mental, mas sim à transgressão de preceitos éticos e morais, estabelecidos socialmente. Os contos analisados se situam num período em que surge, no Brasil, o asilo psiquiátrico, mas em que loucos ainda são confundidos e tratados juntamente com outras pessoas que apresentam, segundo o julgamento de uma sociedade, comportamentos e condutas diferenciadas.

que ele, por meio da ficção, travou com a psiquiatria de seu tempo. Todavia, deve-se considerar que Machado de Assis não apenas se apropria das teorias psiquiátricas da época, como foi além, tratando a loucura dentro da dinâmica do homem com o seu meio social.

Uma constante busca pelo mínimo e pelo escondido das motivações humanas<sup>2</sup> justifica o interesse do autor pela loucura<sup>3</sup>: “Para Machado, não se trata de apropriação do pitoresco na figura do louco, mas de entrar na morada do homem, perscrutar a sala de visitas, ganhar intimidade e passar à de jantar, caminhar até o sótão, a modo de descobrir ali a sandice escondida.” (MARIA, 2005, p. 183). Assim, o olhar machadiano pretende atravessar os limites do espaço reservado às relações sociais e ganhar o sótão, território do que não é dito pelo indivíduo. Desse modo, “a ficção de Machado de Assis está interessada no homem, no seu destino individual, psicologicamente visualizado. As ações sofrem contínuo processo de desmascaramento, em proveito dos mecanismos íntimos e ocultos da alma.” (FAORO, 2001, p. 53). Nesse sentido, Bosi (2003, p. 86) observa desde os contos iniciais de Machado de Assis, forças que recaem sobre o indivíduo, como a existência de uma consciência acerca da máscara e do jogo instituído socialmente:

Chegando mais perto dos textos vê-se que a vida em sociedade, segunda natureza do corpo, na medida em que exige máscaras, vira também irreversivelmente máscara universal. A sua lei, não podendo ser a da verdade subjetiva recalcada, será a da máscara comum exposta e generalizada. O triunfo do signo público. Dá-se a coroa à forma convencionalizada, cobrem-se de louros as cabeças bem penteadas pela moda. Todas as vibrações interiores calam-se, degradam-se à veledade ou rearmonizam-se para entrar em acorde com a convenção soberana. Fora dessa adequação só há tolice, imprudência ou loucura.

Portanto, a necessidade de proteger-se, de vencer na vida, de ser aceito socialmente, faz com que surja o desejo de se adotar uma aparência dominante, de se usar uma máscara da conveniência. Pensando assim, “os meios para obter o calor da segurança estão legitimados. A máscara está justificada pela marcha da civilização.” (BOSI, 2003, p. 87-88).

Diferentes estudos críticos acerca do autor e de sua obra evidenciam como, na instância do literário, Machado foi capaz de reproduzir criticamente as relações que se estruturavam a sua volta, no Rio de Janeiro de final de século. Dessa maneira, em textos repletos de ironia, digressões e relações intertextuais, em que é preciso ir além da superfície da história para ler indícios, explora de modo sutil as complexidades das relações humanas:

Nem utópica nem conformista, a razão machadiana escapa das propostas cortantes do *não* e do *sim*: alumia e sombreia a um só tempo, espelha esfumando, e arquiteta fingidas teorias que mal encobrem fraturas reais.

A perspectiva de Machado é a da contradição que se despista, o terrorista que se finge diplomata. É preciso olhar para a máscara e para o fundo dos olhos que o corte da máscara permite às vezes entrever. Esse jogo tem um nome bem conhecido: chama-se humor. (BOSI, 2003, p. 126).

---

<sup>2</sup> Referência à frase que abre aquela que provavelmente foi a última crônica publicada pelo autor, em 11/11/1900: “Eu gosto de catar o mínimo e o escondido. Onde ninguém mete o nariz, aí entra o meu, com a curiosidade estreita e aguda que descobre o encoberto.”

<sup>3</sup> Conforme apontado por José Leme Lopes em *A Psiquiatria de Machado de Assis* (1974), a loucura é tema recorrente das narrativas machadianas.

Embora o conto já viesse se firmando no Brasil a partir de meados do século XIX, será com Machado de Assis que o gênero irá revelar todas as suas possibilidades. Nos contos do autor, é apresentada uma sociedade de convenções, que a todos esmaga, impondo-lhes vidas sem autenticidade. Sua preferência estava em desenhar aspectos do psiquismo humano e explicitar os valores desgastados de uma sociedade desencadeadora de comportamentos e situações equívocas. Assim, entre outros temas surgirá, no realismo machadiano, a loucura.

Machado de Assis aparenta, durante a construção de sua narrativa, servir-se de idéias da história da loucura, e estar informado acerca da psiquiatria de seu tempo. Nesse sentido, uma visita ao acervo restante da biblioteca do escritor confirma seu interesse por novidades trazidas ao domínio do conhecimento por pesquisadores das ciências naturais. De acordo com Barbieri (2001), encontram-se em seu acervo, hoje localizado na Academia Brasileira de Letras (ABL), os títulos: *La Philosophie de l'inconsciente*, de Édouard von Hartmann, 1877; *Prolégomènes à la psychogénie moderne*, de Pierre Siciliani, 1880; *L'Homme selon la science* e *La vie psychique des bêtes*, ambos de autoria do Dr. Louis Büchner, editados em 1881; *Les maladies de la mémoire*, de Théodule Ribot, 1881; e *Physiographie*, de Th. H. Huxley, 1882. Segundo o pesquisador, apesar de escassa, a relação de obras decepciona pela ausência de nomes importantes, considerados como referência para a constituição da psiquiatria. Entretanto, chegar a conclusões exige cautela, já que a autenticidade do acervo é problemática, uma vez que, até sua doação para a ABL, é reconhecido que obras se perderam e que outras podem ter sido acrescentadas pelos herdeiros. Torna-se ainda relevante a observação de que dois dos volumes citados anteriormente por se referirem a estudos relativos à psicologia e psiquiatria, se destacam por terem sido muito manuseados pelo autor. São eles: *La Philosophie de l'inconsciente* (1877), de Hartmann, e o de Th. H. Huxley, *Physiographie* (1882).

Segundo Barbieri (2001), a leitura de Siciliani (1880) explicita desde seu primeiro parágrafo a importância da psicologia, uma ciência que surgia como o fundamento de todo o saber filosófico positivo, resultante do cientificismo do período. Portanto, a produção literária de Machado retrata possíveis influências de tais estudos e saberes, interessados em sondar os enigmas da alma. Desse modo, personagens como Simão Bacamarte, de “O alienista” (1881), e o Dr. Jeremias Halma, de “O lapso” (1883), podem, entre outros, ser considerados exemplos de caricaturas das ambições cientificistas daquele contexto:

Em franca oposição ao que pregava a retórica otimista da época, a mordacidade crítica do narrador machadiano desmonta o aparato de verdades científicas que as mascaravam e abala no leitor os fundamentos de certezas em que assentavam o valor gnoseológico e a eficácia positiva que elas prometiam. (BARBIERI, 2001, p. 338).

O conto “O alienista” (1881)<sup>4</sup>, de Machado de Assis, veiculado na coletânea *Pa-péis avulsos* (1882), em um momento histórico em que a psiquiatria se instituíria na sociedade brasileira<sup>5</sup>, é reconhecido por questionar as dimensões do discurso médico, evidenciando importantes mecanismos sociais e políticos do século XIX que ligam a loucura à ciência e ao poder. Lançando um olhar crítico sobre o tema, o autor é consi-

---

<sup>4</sup> Há uma divergência entre críticos sobre o gênero textual de “O alienista”, escolhendo uns classificá-lo como novela, sem dúvida levados pelo número de páginas do texto; e outros como Massaud Moisés, como conto, pela análise íntima da narrativa. Nesse trabalho convencionou-se entender o texto em questão como um conto.

<sup>5</sup> Segundo Muricy (1988), em 18 de Julho de 1841 é inaugurado o Hospício Pedro II, atual Instituto Philippe Pinel, na Praia Vermelha (RJ), sendo que o conto em análise data de 1881. Desse modo, Machado de Assis transpõe as interrogações da realidade para a imaginária Itaguaí.

derado como um homem ligado às questões fundamentais de seu tempo, com preocupações e questionamentos sintonizados com a vanguarda intelectual de sua época.

Entendendo que a superioridade do homem está no saber, Simão Bacamarte, médico-psiquiatra, presume domínio da técnica do diagnóstico e tratamento das doenças mentais, o que lhe dá o poder de agir sobre os loucos da cidade, não como pessoas, mas como objetos em que seriam experimentadas suas teorias. Assim, Machado de Assis também adianta, em quase um século<sup>6</sup>, a problematização do assujeitamento do louco, já inquietando o leitor para a “[...] violência que representa o gesto de se destituir de seu próprio ser uma outra pessoa.” (MARIA, 2005, p. 306). O texto apresenta o asilo psiquiátrico, em consonância com estudos foucaultianos, como instituição repressiva e arbitrária que, por meio de uma falsa postura humanista apenas contribuiu para a exclusão e violência em relação ao sujeito considerado anormal.

Segundo Foucault, em *História da Loucura na Idade Clássica* (1961), coube à psiquiatria, no século XIX, a tarefa de diagnosticar a loucura, tomando como base para tal diagnóstico o desvio em relação à norma, legitimando a interferência do científico na história do indivíduo e da própria sociedade. Nesse período, a loucura é detectada ao nível da vontade, no comportamento que extrapola as normas. O olhar do médico é inquisidor e se volta para o indivíduo e para a sociedade. A loucura, pensada do ponto de vista da conduta, em consonância com a norma instituída, faz da medicina psiquiátrica um exercício de poder do Estado. Machado de Assis mostra, de modo satírico, o quanto o indivíduo pode se tornar vítima de poderes outorgados a diferentes instâncias como a ciência e a importância de se fazer parte da verdade pública. Nesse sentido, segundo Bosi (2003, p. 92), o autor trabalha com a idéia de que “é preciso apartar do convívio público todo aquele que se diferencia, de algum modo, da norma instituída, da aparência dominante.” Assim, explicita-se a existência de normas e padrões sociais que funcionam como uma lei invisível a qual se deve obedecer, sem se atentar para o ilógico que possam conter. Ao fugir a um padrão de normalidade instaurado pela sociedade como sendo o domínio da razão, “[...] o transgressor atrai sobre si um olhar coletivo carregado de desconfiança e até mesmo o pressuposto de uma desrazão ou demência.” (MARIA, 2005, p. 244).

Desse modo, conclui-se que o discurso, tudo o que podemos discutir ou saber, não é um meio transparente que “espelhe” o mundo, e o conhecimento passa a ser reconhecido como um conjunto de declarações que não poderá ser classificado como falso ou verdadeiro em um sentido objetivo, mas apenas a partir da perspectiva de algum grupo ou instituição. Essas perspectivas ou conhecimentos são uma função das relações de poder, e nesse sentido, somente poderiam ser avaliados a partir do questionamento de suas condições históricas, de seus efeitos, dos interesses a que servem e das relações de poder defendidas. A “verdade” estaria centrada no discurso científico e nas sociedades que o produzem, sendo de várias formas veiculada pelos aparelhos de educação ou de informação. Assim, segundo Michel Foucault (2006, p. 12):

A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados pelo poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua “política geral” de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro.

Vale ressaltar que em “O alienista” mais do que uma caricatura do médico psiquiatra, é considerado por Machado de Assis o poder político e o prestígio de Simão Bacamarte que não aparenta ser um cientista maluco, mas alguém altamente capacita-

---

<sup>6</sup> O percurso do louco e o próprio perfil da loucura em suas formas ambíguas marcariam os estudos analíticos arqueológicos de Michel Foucault (1926-1984), fundamentais para as ciências humanas.

do para executar os projetos da ciência. Filho da nobreza e reconhecido até pelo rei de Portugal, tem legitimados seu saber e suas ações, bem como o exercício do poder. A linguagem, instrumento de comunicação, é revestida por Simão Bacamarte pelas sutilezas retóricas, tornando-se importante mecanismo de persuasão.

Em “O alienista”, são bem exploradas as potencialidades do texto literário, sendo que o leitor encontra profundidade nas discussões acerca da loucura e do exercício do poder em diferentes âmbitos. Ao apresentar o protagonista, um alienado sob uma máscara de sensatez, o autor sinaliza, ainda, para uma ironia final, a tese de parecer haver mais loucura na pretensão de estabelecer com nitidez limites entre razão e loucura, do que em perder-se em seus supostos limites.

Atentando-se para eixos comuns dessa abordagem em que a razão enlouquece, passa-se à análise do conto “O lapso” (1883), já que também apresenta seus protagonistas envoltos em tratamentos médicos e sob uma máscara de aparente normalidade e respeito. Assim, apesar de suas especificidades em relação à apresentação das temáticas (saber, poder e loucura), há em ambos os contos a presença da máscara da sensatez.

O conto “O lapso” foi publicado inicialmente na *Gazeta de Notícias* em abril de 1883, sendo no ano seguinte editado na coletânea *Histórias sem data*. O texto partilha com “O alienista” (1881) o motivo da ciência, e parecem ambos resultar de reflexões suscitadas por leituras de cunho psiquiátrico, publicações do cientificismo positivista do século XIX.

Sua análise evidencia um caso curioso de “esquecimento”. Tomé Gonçalves, completamente esquecido de pagar aos seus devedores, terá diagnosticada pelo médico Jeremias Halma, não uma falha moral, mas uma doença: o lapso de memória. Torna-se evidente ao leitor o tom de anedota e crítica presente na narrativa. O parentesco entre esse relato e o de “O alienista” reforça a atitude irônica de Machado frente à ciência e ao mal que intenciona problematizar.

Ao consultar os volumes da biblioteca do autor, em busca de fontes de interlocução com a ficção machadiana, Barbieri (2001) irá encontrar em *Les maladies de la mémoire* (1881) discussões que parecem servir como fundamento para a produção do conto em questão. Na obra, Ribot desenvolve uma teoria acerca das falhas parciais de memória, defendendo a existência de um parcelamento de funções, e não de uma faculdade unitária. De acordo com essa perspectiva, seria aceitável que uma função desaparecesse enquanto outras atividades mnemônicas continuassem inalteradas. Faltando-lhe estudos sistêmicos acerca da estrutura e funcionamento da linguagem que poderiam orientar uma classificação, Ribot limita-se a apresentar a origem e evolução de alguns casos.

Semelhanças são encontradas entre este texto científico editado em 1881 e o conto de Machado, veiculado em 1883. Assim, de acordo com as conclusões a que chega Barbieri (2001) a terminologia científica de Ribot se aplica ao personagem Tomé Gonçalves, que sofria de uma “desordem da memória”, definida como “uma forma de amnésia parcial”, que se manifesta através do sintoma da afasia, podendo esta ser permanente ou transitória. Felizmente, a do personagem é diagnosticada pelo Dr. Jeremias Halma como curável.

Imitando a forma retórica do discurso da ciência, Machado de Assis, leitor de Ribot (1881), parece realizar uma paródia da argumentação médica. Desse modo, um exemplo de lapso de memória, apresentado em *Les maladies de la mémoire*, o de um homem que não reconhecendo sua mulher, lhe dizia que precisava ir para junto da esposa e dos filhos, ganha uma nova configuração no conto. Dr. Jeremias, ao tentar convencer dois credores da eficácia do tratamento que poderia oferecer, conta-lhes como curou uma senhora que havia perdido a noção do marido: “[...] a princípio confundia o marido com um licenciado Matias, alto e fino, quando o marido era grosso e baixo; depois com um capitão, D. Hermógenes, e, no tempo em que comecei a tratá-la, com um clérigo. Em três meses ficou boa.” (Assis, 1975, p. 71) Assim, Barbieri (2001) conclui que

Enquanto a exposição do psicólogo apresenta-se com gravidade de quem pretende ter alcançado uma nova verdade científica, e para enunciá-la, necessita elaborar um discurso coeso e convincente, a narrativa do ficcionista desmascara, sob a aparência de falsa seriedade, a inconsistência da construção monolítica e presunçosa. (p. 343)

Torna-se evidente ao leitor o tom humorístico e crítico presente na narrativa. Ainda na epígrafe do conto, encontra-se um trecho bíblico do livro do profeta Jeremias: “E vieram todos os oficiais... e o resto do povo, desde o pequeno até ao grande. E disseram ao profeta Jeremias: Seja aceita a nossa súplica na tua presença.” (XLII; 1-2) Com alguns cortes, Machado de Assis adequou o trecho ao contexto satírico do conto, em que o cientista-psiquiatra e o profeta bíblico têm o mesmo nome. O Dr. Jeremias Halma passa a ser visto como um profeta da psicanálise, ou melhor, como profeta da alma, uma alusão ao seu sobrenome. O médico foi descrito como um homem que

Viajara muito, sabia toda a química do tempo, e mais alguma; falava correntemente cinco ou seis línguas vivas e duas mortas. Era tão universal e inventivo, que dotou a poesia malaia com um novo metro, e engendrou uma teoria da formação dos diamantes. Não conto os melhoramentos terapêuticos e outras muitas coisas, que o recomendam à nossa admiração. Tudo isso, sem ser casmurro, nem orgulhoso. (ASSIS, 1959, p. 66)

Com tratamento irônico, Machado de Assis apresenta o cientista. Assim como o Dr. Simão Bacamarte, de *O alienista* (1881), o personagem Jeremias é visto com o respeito de sua autoridade médica. Entretanto, donos de tantos saberes saem da Europa, morrendo na obscuridade das terras brasileiras. Em ambos os casos o cientista é vítima de sua ciência, já que Simão Bacamarte acaba internando-se como o verdadeiro demente, e Jeremias Halma é o único a não alcançar pagamento, nem de Tomé Gonçalves, nem de nenhum de seus credores.

O tratamento utilizado pelo médico contempla dois procedimentos distintos: a prescrição de um remédio milagroso que restaura na mente o campo semântico danificado e o exercício da contemplação dos gestos esquecidos; por isso “O médico levava o doente às lojas de sapatos, para assistir à compra e venda da mercadoria, e ver uma e muitas vezes a ação de pagar.” (ASSIS, 1959, p. 73) Curando Tomé Gonçalves, Jeremias restabelece a tranquilidade social, mas é inevitável a indagação quanto à validade do procedimento que continua a resultar em débito. Deste modo, Machado de Assis evidencia, no conto, o questionamento da ciência e de seu agente, dando voz cômica à racionalidade científica. O médico, que ocupa na sociedade papel de respeito, possuindo credibilidade frente à ingenuidade das pessoas, é ironicamente comparado ao profeta, apresentando um discurso que é visto, naquele período, como a verdade incontestável e eterna da ciência. A observação das relações sociais também explicita a posição do personagem Tomé Gonçalves, que além de abastado ocupava o cargo de vereador, o que justifica o cuidado com que seus credores continuam a tratá-lo. O medo de brigar com uma pessoa tão importante impede as cobranças, destacando descrições de comportamentos e perfis que definem as diferentes classes.

Posteriormente, os contos “A segunda vida” (1884) e “Entre santos” (1896) possibilitam uma análise diferenciada, que viabiliza a explicitação do próprio discurso da loucura e da forma como é entendida pela sociedade em geral. Desse modo, em “A segunda vida”, conto também pertencente à coletânea *Histórias sem data* (1884), que tem como motivação uma suposta reencarnação, um personagem louco oferece risco, é ameaça e tem sua palavra considerada como inverossímil. No entanto, suas reflexões são pertinentes e coerentes em relação à alma e vida humana, o que traz o entendimen-

to de que por trás de uma máscara de insensatez, colocada por uma sociedade, pode haver uma determinada parcela de razão.

No conto, o Monsenhor Caldas ouve a narrativa de José Maria, o relato de sua primeira vida e de como alcançou a graça de nascer novamente. O sacerdote considera a história pouco lúcida, passando a desconfiar da sanidade daquele homem: “[...] fala da minha parte ao comandante, e pede-lhe que venha cá com um ou dois homens, para livrar-me de um sujeito doudo.” (ASSIS, 1959, p. 440). Entretanto, o Monsenhor enquanto aguardava ajuda ouvia com sorrisos, assentimentos de cabeça, espantando-se e alegrando-se com o enredo. José Maria revela que na velhice de sua primeira passagem pela Terra sentia-se imensamente frustrado e infeliz, e que atribuía à inexperiência as escolhas realizadas. Portanto, quando lhe foi concedida a oportunidade de uma segunda vida não hesitou em nascer com experiência. Infelizmente, será o excesso de cautela gerado pela experiência do passado que lhe acarretará vários infortúnios. A prudência excessiva o impede de viver intensamente, já que sempre há a possibilidade de sofrimento ou fracasso na experiência amorosa, na paternidade, na amizade, etc.

Foucault (1961) demonstrará como, na história do Ocidente, o louco teve a sua figura construída junto com o saber psiquiátrico, ou melhor, a psiquiatria é que constrói o louco à medida que dá a si mesma o direito e o poder de estruturar uma verdade acerca desse louco. Nesse sentido, lembra o surgimento de obras como as do artista Antonin Artaud (1896-1948), figura irredutível à cura de sua alienação, que resiste com todas as suas forças ao aprisionamento moral:

E o que é um autêntico louco?

É um homem que preferiu ficar louco, no sentido socialmente aceito, em vez de trair uma determinada idéia superior de honra humana.

Assim, a sociedade mandou estrangular nos seus manicômios todos aqueles dos quais queria desembaraçar-se ou defender-se, porque se recusaram a ser seus cúmplices em algumas sujeiras.

Pois o louco é o homem que a sociedade não quer ouvir e que é impedido de enunciar certas verdades intoleráveis.

Nesse caso, a reclusão não é sua única arma e a conspiração dos homens tem outros meios para triunfar sobre as vontades que deseja esmagar. (ARTAUD, apud MARIA, 2005, p. 165).

Nesse mesmo viés de análise, podem ser apresentadas considerações acerca do conto “Entre santos”, pertencente à coletânea *Várias Histórias* (1896). Nesse texto, a discussão se torna ainda mais pertinente, uma vez que o protagonista tem uma experiência que só pode ser explicada como alucinação ou sonho. Desse modo, mesmo tendo certeza de que tudo aconteceu, mas não querendo ser tachado pela sociedade como louco, conta a história envolta em ambigüidades de modo que o leitor não o julgue mal. Esse é mais um exemplo do medo da loucura e do medo da exclusão dela decorrente. Nessa abordagem percebe-se que no discurso do louco há total ausência de poder, já que sua palavra tem sido ao longo da história interdita em diferentes instâncias da organização social: a jurídica, a econômica e a religiosa. Nesse sentido,

Desde a alta Idade Média, o louco é aquele cujo discurso não pode circular como o dos outros: pode ocorrer que sua palavra seja considerada nula e não seja acolhida, não tendo verdade nem importância, não podendo testemunhar na justiça, não podendo autenticar um ato ou um contrato, não podendo nem mesmo, no sacrifício da missa, permitir a transubstanciação e fazer do pão um corpo; [...] (FOUCAULT, 1996, p. 10-11).

O conto, assim como os anteriores, sustenta a opinião de Schwarz (2000) de que em Machado de Assis não há frase sem segunda intenção ou propósito espiritual. As-

sim, ler um texto machadiano não é uma tarefa simples, pois envolve uma dupla decodificação: do que está sendo afirmado no nível da história e do que está sendo veiculado sobre um texto anterior na inversão quase sistemática proposta pelo autor. Desse modo, a plurissignificação do texto machadiano sugere o ambíguo, tramas abertas, sentidos que dialogam entre si.

O narrador em primeira pessoa do conto “Entre Santos” é testemunha de um acontecimento surpreendente. Enquanto era capelão na igreja de São Francisco de Paula, pôde visualizar, numa noite, o diálogo entre santos que durante o dia eram estátuas no templo. Discutiam o caráter humano de pessoas que vinham rezar diante deles. S. João Batista e S. Francisco de Paula eram os autores dos comentários mais ácidos em relação ao gênero humano. A postura dos santos se assemelha à de Machado de Assis, na medida em que são devassadores da alma humana.

Ambos os contos sinalizam indivíduos com comportamentos diferenciados e, portanto, considerados loucos. Entretanto, os textos explicitam como esses mesmos indivíduos podem apresentar discursos coerentes sobre o mundo e a humanidade, o que nos leva novamente aos estudos de Foucault, aos questionamentos sobre a verdade, sobre as convenções sociais, sobre os limites entre a razão e a desrazão.

Assim, além de uma análise que contemple a loucura como instrumento de poder e sob uma máscara de sensatez, também há no conto machadiano a representação do discurso do louco que tem conhecida essa condição. Nesse segundo caso, sua fala não alcança credibilidade, é inverossímil, seu discurso não é instrumento de poder, pelo contrário há ausência de poder. Portanto, apesar de cada uma das composições apresentar fisionomia própria, com enfoques distintos e traços específicos que as singularizam, percebem-se laços que aproximam os textos, um fio condutor que permite uma análise da loucura nos contos machadianos. Recorrentes nos textos em diferentes níveis de análises, o tratamento dado à temática evidencia que o autor, informado acerca da psiquiatria de seu tempo e das implicações do hospital psiquiátrico como espaço em que se concretizam relações de poder, dá voz a diferentes segmentos envolvidos, e antecipa reflexões que somente tomariam corpo em décadas posteriores por meio de estudos como os do pensador Michel Foucault.

Com seus textos, Machado não parece procurar pela natureza da loucura nem de alguma teoria científica. O que interessa é a grande loucura cientificista e positivista, que implica a busca dos limites entre razão e desrazão, a loucura de se pretender alcançar uma explicação exaustiva e racional para a mente humana. O questionamento da psiquiatria, de seus métodos e da insistente classificação realizada pela sociedade entre a lucidez e a loucura é tratada de modo irônico e crítico. As análises evidenciam a dúvida do escritor diante do discurso progressista de seu tempo, exemplificando como oferece à ficção brasileira obras que superavam limitações e inconsistências, apontando para uma verificação satírica de funcionamentos sociais.

Portanto, para Machado de Assis, a verdadeira insanidade parece consistir na busca e veiculação de verdades absolutas e inquestionáveis, na tentativa de se estabelecer limites e padrões para a “normalidade”. No contexto representado pelo autor, o homem enfrenta o desafio das normas sociais e não pode ser ele mesmo. Assim, o que o indivíduo é não é nada perto do que ele deve parecer ser. Daí, a necessidade da máscara, do negaceio, da hipocrisia e da mentira. Na esfera dos indivíduos, são apresentadas as marchas dos interesses e desejos do poder no nível microssocial: entre homem e mulher, irmãos, amigos e famílias. Machado, grande analista dessas relações turvas, constata o disfarce, e o ergue, desencobrendo os desejos primeiros e a vontade de poder, já que o status parece ser a grande ambição.

## Referências Bibliográficas

ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Afrânio Coutinho (org.). Rio de Janeiro: José Aguilar, 1959. Volume II: Conto e Teatro.

BARBIERI, Ivo. O "lapso" ou uma psicoterapia de humor, in: JOBIM, José Carlos (org.). *A biblioteca de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras/ Topbooks, 2001, p. 335-347.

BILLOUET, Pierre. *Foucault*. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

BOSI, Alfredo. *O enigma do olhar*. São Paulo: Ática, 2003.

COSTA LIMA, Luiz. O palimpsesto de Itaguaí. *Revista Pensando nos Trópicos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

FAORO, Raymundo. *Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio*. Rio de Janeiro: Globo, 2001.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.

\_\_\_\_\_. *História da Loucura na Idade Clássica*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

\_\_\_\_\_. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2005.

\_\_\_\_\_. *Os anormais: curso no Collège de France (1974-1975)*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

GLEDSON, John. *Por um novo Machado de Assis: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

JOBIM, José Luís (org.). *A biblioteca de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras/ Topbooks, 2001.

LOPES, José Leme. *A psiquiatria de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Agir Editora, 1974.

MACHADO, Roberto. *Foucault, a filosofia e a literatura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

\_\_\_\_\_. *Foucault, a ciência e o saber*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

MARIA, Luzia de. *Sortilégios do avesso: razão e loucura na literatura brasileira*. São Paulo: Escrituras, 2005.

MURICY, Kátia. *A razão cética: Machado de Assis e as questões de seu tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. São Paulo: Duas Cidades: Ed. 34, 2000.

SOUZA, Jaime Luiz Cunha. Racionalidade Moderna, Ciência e Loucura: especulações sobre O alienista de Machado de Assis. *Revista Trilhas*. Belém, ano 4, n.º 1, p. 85-94, jul. 2004.